



Maputo, 04 de Março de 2012

Quando a chuva nos toca

Testemunho sobre a “Festa da Juju na Educação Inclusiva”, no âmbito da missão da Formiga Juju de despertar o imaginário das crianças através das histórias e da expressão criativa, iniciada com o conto “A Formiga Juju na Cidade das Papaias”.



Ontem estivemos com 84 crianças e uma equipa de educadores muito especiais, no Centro de Recursos para a Educação Inclusiva (CREI), na Macia (Província de Gaza). Ali nos deslocámos com o apoio da DSF-Douleurs Sans Frontières, organização não-governamental francesa que trabalha em prol do atendimento da dor e do apoio à criança em situação de vulnerabilidade.

A nossa assistência era composta por crianças com deficiências auditivas, visuais e psicomotoras. Foi uma experiência sensorial, imaginativa e emocional, que nos obrigou a sair da nossa zona de conforto, permitindo alcançar dimensões que de outra forma desconheceríamos. Com as crianças e os educadores do CREI, aprendemos a falar com as mãos, a ouvir com os olhos e a ver com o coração.

Tocámos e fomos tocados.

Na equipa da Juju estavam a Sheila Cheman (voluntária), Suzana Duarte (orientadora pedagógica), Walter Zand (artista) e Cristiana Pereira (autora). Embora não fisicamente, estiveram também presentes a Mia Temporário (designer) e a Maria João, mais uma voluntária que se juntou ao movimento da Formiga Juju e que em três dias apenas criou um fato de formiga, a papaieira Pupa carregada de fruta e bonitas flores de pano para que as crianças sentissem o toque dos materiais.



Depois de sermos acolhidos com um cântico sobre educação inclusiva, começámos a Festa com uma sessão de leitura animada pela Sheila, que deu corpo e alma à personagem da Juju, circulando entre as crianças, consolando a Pupa quando ela ficou sem papaias e desfalecendo no meio do chão por efeito da poluição. Com um borrifador, a Juju trouxe a chuva para dentro da sala do CREI; soltaram-se gargalhadas e guinchos de alegria quando os pingos de água molharam todo o público – que incluía, para além das crianças, professores, directores, convidados e dois representantes da Rede da Criança, fórum de organizações da sociedade civil que trabalham em prol dos direitos da criança. Um queimador de aromaterapia serviu para acrescentar a dimensão olfactiva à sessão.



Enquanto a Sheila animava o conto, a história foi sendo projectada na parede em língua de sinais, através de um vídeo preparado previamente pelo Prof. Nehemia do CREI. Entretanto, outra história ia decorrendo em paralelo. Organizadas em forma de flor à volta da sala, as crianças iam comunicando entre elas: riam-se, tocavam-se, olhavam-se, puxavam-se... usando a língua universal dos afectos a que ninguém fica indiferente. Na sessão de desenho que se seguiu, as crianças esparramaram-se no chão e deixaram a criatividade à solta. Partilharam lápis de cera para encher de cor os desenhos da Juju e deram a mão a quem não conseguia ver, apenas sentir, o azul do céu e o laranja da papaia.



Depois, entregámos 30 livros ao cuidado do Director do CREI, para o Centro e para os Centros de Reabilitação Infantil de Chibuto e Chokwe, mais 26 escolas inclusivas da província de Gaza. Quisemos ainda reconhecer o trabalho dos cinco auxiliares que, de dia e de noite, oferecem muito mais do que livros e materiais às crianças; dão carinho e ternura. Cada um recebeu um exemplar do livro.

Nessa altura, explicámos às crianças que a Formiga Juju tinha que ir embora. De imediato se ouviu: *"Fica, Juju! Fica, Juju!"*. Mas como a Juju tinha que voltar a Maputo, deixou uma Pupa verdadeira no CREI e incumbiu cada uma das crianças – na qualidade de formigas amigas da Juju – de cuidar da árvore como ela faria. Saímos então para o exterior de modo a lançar a papaieira à terra. Nessa altura o céu abriu-se e caiu chuva de verdade. Dizem que era abençoada!



Antes de terminar, fizemos uma riquíssima troca de experiências com os professores e directores. Em círculo, cada um partilhou o seu balanço pessoal: o que correu bem, o que correu mal e o que reteve da experiência. Despedimo-nos com beijos, abraços e algumas lágrimas.

Tínhamos o compromisso de celebrar a Criança e a Imaginação. Afinal, celebrámos também o Amor.



Aqui ficam alguns depoimentos:

Que a Pupa não tenha sido apenas plantada na terra, mas na memória de cada um de nós. (Francisco Zevute, Director do CREI)

Sinto-me abençoada. Sou executiva, formadora e nunca fiz teatro na minha vida. Eu incorporei a Juju, é um personagem, e este foi o momento, em termos de emoções, em que eu senti maior retorno. (Sheila Cheman, na pele de Formiga Juju)

Aqui temos pessoas com deficiências auditivas, visuais e psicomotoras. Mas com aquele banho de chuva, elas já ficaram motivadas. (Prof. Estêvão, CREI)

Aquilo que me parece mais importante é estarmos disponíveis para novas experiências. Eu posso ler num livro que se faz isto ou aquilo, mas enquanto não experimentar, nunca vou saber o que funciona ou provoca estímulos. (Carla Ladeira, psicoterapeuta, gestora de programas da DSF)

Vi uma criança invisual, mas ela desenhou, expressou-se. Para mim, como artista, foi muito importante. (Walter Zand, autor das ilustrações)

A mim marcou-me mais a parte emocional. Este encontro esteve marcado por essa componente. As crianças estavam em condições de cada uma poder expressar-se. (Prof. Alcido, CREI)

Aprendi a dar um abraço com a voz. (Cristiana Pereira, autora do conto)

Para mim foi mais uma aprendizagem. As técnicas que foram usadas aqui podem muito bem ser utilizadas na sala de aula para cativar as crianças. (Mariamo Tamele, Directora Pedagógica do CREI)

Não podemos ensinar só a secura. Temos que criar um ambiente de brincadeira e assim aprende-se melhor. (Prof. Cremildo, CREI)

A Juju deixou-vos na mão a possibilidade de criarem outras Jujus, outras histórias, outras temáticas. Isso traz magia para a vida das crianças e é com magia que se aprende melhor. (Suzana Duarte, assessora pedagógica da Formiga Juju)

As crianças neste ambiente, mesmo aquelas que os pais dizem que são acanhadas, aqui conseguiram libertar-se. (Telma Caetano, técnica de apoio psicossocial da DSF em Gaza)

Já vi muitas peças de teatro, mas nunca me emocionei tanto como hoje. O que eu vi foi feito tudo com muito amor e isso é a essência de tudo. Um professor tem que ter 90% de amor e 10% de técnica. (Jorge Sousa, engenheiro de manutenção de aviões, convidado da Festa da Juju no CREI)

